



Veículo: O Liberal		
Data: 20/09/2017	Caderno: Magazine	Página: 01
Assunto: Livro		
Tipo: Notícia	Ação: Espontânea	Classificação: Neutra

Um autor com visão de futuro

Ideal de Lima Barreto é retratado em biografia de Lilia Moritz Schwarcz, que será lançada hoje, em Belém

SÃO PAULO

Agência Estado

Há pelo menos 20 anos, a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz vem flertando com a obra do escritor Lima Barreto (1881-1922). Mas foi em 2007 que ela iniciou o que viria a se tornar seu trabalho de maior fôlego e que reforçará sua imagem de uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras - Lima Barreto: Triste Visionário, esperada biografia que traça não apenas a trajetória artística do autor, mas também seus dissabores pessoais. A obra será lançada hoje em Belém, no Centro de Memória da Amazônia (Travessa Rui Barbosa, 491), após um debate que contará com a presença da autora e dos pesquisadores Décio de Alencar Gusmán, da UFPA, e

Serge Gruzinski, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. A programação começa às 9h30.

Trata-se do mais completo mapeamento sobre o escritor desde o pioneiro trabalho de Francisco de Assis Barbosa que, em 1952, lançou A Vida de Lima Barreto, que resgatou a importância da escrita do autor de Triste Fim de Policarpo Quaresma, injustamente esquecida desde sua morte, em 1922. Esgotado há alguns anos, o volume ganha agora oportuna reedição pela editora Autêntica.

Ciente da importância da pesquisa de Barbosa (dedicada-lhe até um capítulo), Lilia oferece um olhar original ao traçar a trajetória do biografado a partir da questão racial - mulato, filho de pais com instrução, mas de humilde situação financeira, Lima Barreto, a partir da adoção de um estilo seco e direto, lutava para que a literatura fosse um meio de levar ao homem comum a mensagem de sua libertação e um estímulo para continuar lutando para o reconhecimento de seus direitos fundamentais.

Lilia fez a palestra de abertura da 15ª Flip, que teve o

escritor como homenageado, uma honra há muito esperada. Afinal, apesar de ser o grande romancista da geração pós-machadiana e pioneiro do romance moderno brasileiro, Lima via com olhar muito crítico a obra de Machado de Assis, além de ter esnobado a geração dos modernistas.

Dono de uma linguagem rica de comunicação e de recursos expressivos, Lima tinha a escrita como plataforma social. Não reconhecido devidamente em sua época, Lima revelou-se um homem do futuro, como constatou Lilia em entrevista para o jornal O Estado de São Paulo. Perguntada sobre o que levou o projeto de literatura de Lima a fracassar, ela respondeu: "Durante um certo tempo, tratou-se de Lima Barreto sob a perspectiva da vitimização. Ele e r a

de fato uma vítima, mas tinha um projeto, e isso é muito importante de a gente destacar. Brinco que era o projeto do contra, ou seja, 'vou me inserir sendo do contra'. Ele era contra a Academia Brasileira de Letras, apesar de ter tentado entrar três vezes. Era con-



tra o futebol, numa época em que o esporte já fazia muitas paixões. Era contra um certo feminismo, mas contra o assassinato de mulheres. Contra a literatura de brindes, de sobremesas e de toaletes, e a favor de uma literatura realista. Também foi anarquista num momento que era complicado ser anarquista. Então, ele tinha um projeto? Tinha. Ele era contrário às políticas de exclusivismos da República. Qual era o projeto do Lima Barreto? Era o de contrariar”.

A escritora explica, ainda, que isso não deu certo porque o primeiro livro dele acusava um tipo de jornalismo, que silenciou diante de Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909). Mais adiante, sai Numa e a Ninfa (1915), contrário aos políticos, ou seja, em pouco tempo, conseguiu ter contra ele jornalistas e políticos. “E aí foi acumulando desafetos até terminar a vida isolado, mas não vitimizado”, completa.

A escritora afirma, ainda, que o fato de Lima Barreto ser negro e não ter recursos contribuiu para a dificuldade em ser aceito. “Ele também agenciou muito isso, a partir da ideia de que não é um figurante passivo - vai construir sua persona. Parte dessa construção é de um Lima Barreto que faz um Rio de Janeiro mais amplo, que inclui o centro e os subúrbios, onde ele vivia. Ele sempre morou em Todos os Santos. Então,

a partir desse trajeto pelo trem da Central do Brasil, Lima descreve a pobreza com imensa dignidade, assim como observa a aristocracia do subúrbio com muito escárnio, concentrada sobretudo em Botafogo e Méier, bairros que desprezava solenemente”.

No livro, ela aborda, ainda, o sofrimento do escritor. “Ele não era da linha da pobreza, mas, como amanuense, teve de ser arrimo de família muito cedo”.

Em 1902, o pai teve acessos de loucura que seriam diagnosticados como neurastenia e, a partir de 1903, Lima vira arrimo de família. “Então, teve uma vida difícil? Isso explica? Não. Outro ponto: o fato de ser negro. No Brasil, sabemos que as pessoas manipulam a questão da cor. O que fez Lima Barreto? Trouxe a questão da cor para o primeiro plano, sobretudo nesse momento, início do século 20, quando era assunto secundário. Ele trouxe para frente, sobretudo nas crônicas, nas quais fez uma denúncia muito forte e fundamental contra o racismo existente no Brasil”.

RIVALIDADE

Um dos seus principais “desafetos”, foi o também escritor Machado de Assis. A escritora

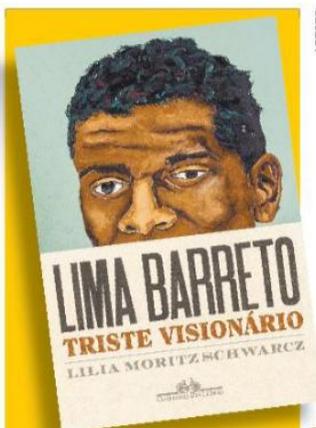
fala sobre sua abordagem do tema. “Queiramos ou não, na época em que Lima se transformou em um escritor, 1908, 1909, a grande referência era Machado. Lima tinha na sua biblioteca, a Limana, quase todos os livros do Machado, o que comprova que lia e gostava. Mas ele vai se construir como uma persona literária oposta a Machado, que representava a academia, a instituição. Ele seria o anti-instituição. Só que essa era uma visão que o próprio Lima faz questão de desfazer. Porque não é verdade dizer que Machado não foi um abolicionista. Em sua função de funcionário público, Machado sempre votava contrário à escravidão e a favor dos escravizados. Desse ângulo, eles não eram tão diferentes. E Machado veio de uma família ainda mais depauperada que a do Lima, além de também ser descendente de escravo. Assim, apesar dos muitos lados em comum, assumiram projetos literários muito distintos”.

Lima morreu com 41 anos. É possível acreditar que, se tivesse vivido mais, teria atingido uma maturidade literária. “No pouco tempo de vida, tão difícil, ele produziu romances fundamentais, e ainda tinha muitos projetos no bolso. Um livro que anuncia e escreve poucos capítulos é Cemitério dos Vivos. Lima dizia que seria o seu livro fundamental, um livro na veia mesmo, porque tratava da sua experiência em



1914 e 1919, quando foi internado no hospício. O personagem é Vicente Mascarenhas. Aliás, todas as personagens de Lima são ele mesmo, porque ele vive assombrado por esses seres. O que me parece é que Cemitério dos Vivos era um projeto fundamental e esse personagem era um reflexo do Lima: bebia muito e também se internara. Seria um livro maravilhoso, que tratava dessa realidade que Lima descreve como ninguém. Ele diz no manicômio: todos são negros, em uma época em que se criava um projeto constitucional”.

Lilia Schwarcz nasceu em 1957, em São Paulo. É professora titular no Departamento de Antropologia da USP, global scholar na Universidade de Princeton (EUA) e curadora adjunta do Masp. Seu livro “As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos” ganhou o prêmio Jabuti de Livro do Ano, em 1999. Dirigiu a coleção História do Brasil Nação em seis volumes, sendo três deles indicados para o Jabuti. Foi curadora de uma série de exposições, entre as quais Um Olhar sobre o Brasil (2012, com Boris Kossoy) e Histórias Mestiças (2014, com Adriano Pedrosa), ambas no Instituto Tomie Ohtake.



Antropóloga e Historiadora, Lilia Schwarcz mergulhou na vida pessoal do escritor, um antagonista de seu tempo



Serviço:

Debate e lançamento do livro
“Lima Barreto: Triste Visionário”

- **Data:** hoje, 20, a partir das 9h30
- **Local:** Centro de Memória da Amazônia da UFPA - Travessa Rui Barbosa, 491